



# MARACATU-NAÇÃO E (EX)POSIÇÃO NO ESPAÇO PÚBLICO: UMA INTERPRETAÇÃO GEOGRÁFICA SOBRE PATRIMÔNIO IMATERIAL E IDENTIDADE RELIGIOSA A PARTIR DA COROAÇÃO DE REI E RAINHA DA NAÇÃO ENCANTO DA ALEGRIA (RECIFE-PE, 2022)

Larissa Lima de Souza<sup>1</sup> - Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3212-2873>

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil<sup>1\*</sup>

*Artigo recebido em 15/04/2024 e aceito em 01/08/2024*

## RESUMO

Este trabalho integra uma tese (em construção) e investiga a espacialidade do Maracatu-Nação, patrimônio imaterial brasileiro, no momento de retomada dos espaços públicos pós-pandemia de coronavírus. A questão central da pesquisa é: qual(ais) a(s) significação(ções) da coroação do maracatu-nação Encanto da Alegria realizada em 2022, considerando a sua espacialidade? O objetivo central é interpretar, geograficamente, a estratégia de coroação pública do Encanto da Alegria, fornecendo ferramentas metodológicas para sua leitura espacial, bem como de outra(s) prática(s) cultural(ais) e/ou religiosa(s), a partir das categorias de ponto de vista, posição espacial, exposição espacial e composição espacial propostas por Gomes (2013). Os dados provêm de trabalho de campo, entrevistas com detentores do patrimônio e do diálogo com bibliografia específica. A ocupação do espaço público é uma das estratégias dos maracatus, durante as coroações, em busca de legitimidade, distinção e projeção através da afirmação de suas identidades culturais e étnico-religiosas. Constatou-se a continuidade das dimensões política e religiosa da cerimônia pública de coroação de rei e rainha (Guillen, 2007), além do papel aglutinador/comunitário neste evento promovido pela nação Encanto da Alegria, permitindo afirmar que a perspectiva espacial pode ser não somente uma das ferramentas de compreensão, mas também de ativação dos patrimônios imateriais.

**Palavras-chave:** Maracatu-Nação; patrimônio imaterial; (ex)posição no espaço público; trabalho de campo.

<sup>1\*</sup> Docente do quadro permanente do Departamento de Geografia do Colégio Pedro II e doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, vinculada ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Política e Território (Geoppol). Email: [larissa.souza.1@cp2.edu.br](mailto:larissa.souza.1@cp2.edu.br)

## **MARACATU-NATION AND (EX)POSITION IN THE PUBLIC SPACE: A GEOGRAPHIC INTERPRETATION ON INTANGIBLE HERITAGE AND RELIGIOUS IDENTITY FROM THE CORONATION OF KING AND QUEEN OF THE NATION ENCANTO DA ALEGRIA (RECIFE-PE, 2022)**

### **ABSTRACT**

This work integrates a thesis (under construction) and investigates the spatiality of Maracatu-Nation, a Brazilian intangible heritage, at a time of resumption of public spaces post-coronavirus pandemic. Your central question is: what is/are the significance(s) of the coronation of the maracatu-nation Encanto da Alegria held in 2022, considering its spatiality? The central objective is to interpret, geographically, the public coronation strategy of Encanto da Alegria, providing methodological tools for its spatial reading - as well as other cultural and religious practice(s)-, based on the categories of point of view, spatial position, spatial exposition and spatial composition proposed by Gomes (2013). The data comes from fieldwork, interviews with heritage holders and the dialogue with specific bibliography. The occupation of public space is one of the maracatu's strategies, during coronations, in search of legitimacy, distinction and projection through the affirmation of their cultural and ethnic-religious identities. The continuity of the political and religious dimensions of the public ceremony of coronation was verified (Guillen, 2007), in addition to the unifying/community role in this event promoted by Encanto da Alegria, allowing to affirm that spatial perspective can be not only one of the tools for understanding, but also for activating intangible heritage.

**Keywords:** Maracatu-Nation; intangible heritage; (ex)position in public space; fieldwork.

## **MARACATU-NACIÓN Y (EX)POSICIÓN EN EL ESPACIO PÚBLICO: UNA INTERPRETACIÓN GEOGRÁFICA DEL PATRIMONIO INMATERIAL Y LA IDENTIDAD RELIGIOSA A PARTIR DE LA CORONACIÓN DEL REY Y LA REINA DE LA NACIÓN ENCANTO DA ALEGRIA (RECIFE-PE, 2022)**

### **RESUMEN**

Este trabajo integra una tesis (en construcción) y estudia la espacialidad de la Nación Maracatu, patrimonio inmaterial brasileño, en el momento de la reanudación de los espacios públicos después de la pandemia de coronavirus. Su pregunta central es: ¿cuál es el significado de la coronación de la nación Encanto da Alegria organizada en 2022, considerando su espacialidad? El objetivo central es interpretar, geográficamente, la estrategia de coronación pública del Encanto da Alegria, proporcionando herramientas metodológicas para su lectura espacial –así como otras prácticas culturales y/o religiosas-, a partir de las categorías de punto de vista, posición espacial, exposición espacial y composición espacial propuesta por Gomes (2013). Los datos provienen del trabajo de campo, entrevistas a portadores y diálogos con la bibliografía específica. La ocupación del espacio público es una de las estrategias de los maracatus durante las coronaciones, en busca de legitimidad, distinción y proyección a través de la afirmación de sus identidades culturales y etno-religiosas. Se ha constatado la continuidad de las dimensiones política y religiosa de la ceremonia pública de coronación (Guillen, 2007), además del papel unificador/comunitario en este evento promovido por el Encanto da Alegria, lo que permite afirmar que la perspectiva espacial no puede ser sólo una de las herramientas para comprender, pero también para activar el patrimonio inmaterial.

**Palabras clave:** Maracatu-Nación; patrimonio inmaterial; (ex)posición en el espacio público; trabajo de campo.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto de reflexões a respeito do olhar da(o)s geógrafa(o)s em trabalho de campo em diálogo com a construção de uma tese de doutorado sobre as territorialidades *na e através da* rede cultural de maracatu de baque virado<sup>2</sup> articulada entre Rio de Janeiro (RJ) e a Região Metropolitana de Recife (PE).

É comum a associação entre “maracatu de baque virado” e as “nações de maracatu”, em oposição aos “maracatus de baque solto”, também conhecidos como “maracatus rurais” ou “de orquestra”, mas ela nem sempre existiu. Tais categorias foram propostas por músicos e folcloristas a partir dos anos 1930 - como Guerra Peixe e Katarina Real (nos anos 1960) e, de certa forma, foram incorporadas por maracatuzeiro(a)s a partir dos anos 1980 (Lima, 2014, 2020). Atualmente, são utilizadas para diferenciar os maracatus de Pernambuco no Concurso de Agremiações Carnavalescas, inclusive. Portanto, essas identidades percussivas não são fixas, havendo nações de maracatu que, há algumas décadas, “viraram o baque”, ou seja, passaram de baque solto para baque virado ou “nação” a partir de uma estratégia de fortalecimento simbólico e financeiro, diante da desigualdade dos recursos provenientes da Federação Carnavalesca<sup>3</sup>.

De modo geral, é possível afirmar que as diferenças entre os “dois tipos de maracatus” (Lima, 2020) se encontram, sobretudo, na composição dos personagens, andamento e estrutura das toadas e instrumentos musicais utilizados<sup>4</sup>. Também é importante reconhecer que os maracatus, mesmo as nações, são bastante distintos entre si, seja em relação a sua organização interna, às vinculações religiosas, às estratégias de atuação em um cenário cultural competitivo, às receitas financeiras, à circulação no espaço e ao alcance em termos de divulgação de seu trabalho em várias escalas. Por isto, os estudos sobre os maracatus (como qualquer outra manifestação cultural) sempre carecem de contextualização, como aponta Lima (2006).

Ainda que haja diversidade, o Maracatu-Nação costuma ser praticado, atualmente, como uma “manifestação cultural performática” (Guillen, 2018, p.115) cujos vínculos religiosos mais intensos

---

<sup>2</sup> “Baque virado” é o padrão percussivo comumente associado ao Maracatu-Nação, forma de expressão registrada como patrimônio cultural imaterial brasileiro pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 2014. Baque virado também é uma categoria utilizada por detentores das nações de maracatu, por fazer referência à chamada “viração dos tambores”: enquanto alguns tambores são tocados em “marcação”, funcionando como base percussiva, outros vão “virar”, quando as/os batuqueira(o)s determinada(o)s para tal função “dobram” os toques percussivos executados dentro de um mesmo compasso musical.

<sup>3</sup> É o caso das nações Almirante do Forte, do bairro do Bongí e Cambinda Estrela, sediada em Chão de Estrelas, bairro da Campina do Barreto. Informações obtidas em trabalhos de campo e entrevistas realizadas com lideranças de nações de maracatu da Região Metropolitana de Recife entre setembro e novembro de 2022, durante Doutorado-Sanduiche no País. Na nação Almirante do Forte, foram realizadas entrevistas com o mestre Teté e seu filho e contra-mestre da nação conhecido como Toinho; na nação Cambinda Estrela, foram entrevistados o mestre Adriano Santos (Mumu) e a presidenta Wanessa Paula dos Santos.

<sup>4</sup> No maracatu-nação, não são utilizados instrumentos de sopro e não existe o personagem caboclo de lança, por exemplo.

ocorrem com terreiros de Xangô (culto aos orixás), Jurema e/ou Umbanda<sup>5</sup> em Pernambuco. Esta dimensão religiosa é mencionada no Dossiê de seu Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2012) como diferencial entre as comunidades detentoras (“nações de maracatu”/ “maracatu tradicionais”) e modalidades de grupos de maracatu presentes em outros contextos espaciais<sup>6</sup>. A partir do campo, percebi que a religiosidade, no Maracatu-nação, funciona como base para a prática cultural em termos de preparação (espiritual) para as performances públicas, referências estéticas, musicalidade e/ou corporeidade.

No início do século XXI, acirrou-se um debate em relação às possibilidades e aos limites das trocas culturais entre nações, detentoras do patrimônio imaterial, e grupos de maracatu presentes no Brasil e no exterior (Carvalho, 2007; Salgueiro, 2012; Ferreira, 2016; Koslinski; Guillen, 2019). Estes grupos são, majoritariamente, formados por jovens de classe média e branco(a)s que se reúnem para tocar e/ou dançar maracatu, mas sem pertencerem, coletivamente, a um mesmo território cotidiano ou a terreiros, como ocorre com as nações de maracatu. Por esta razão, elas têm sido associadas ao que é “tradicional” e “autêntico” e se reafirmado enquanto tal a partir da religiosidade (Salgueiro, 2012; Koslinski; Guillen, 2019). Esta “sacralização dos maracatus-nação” (Koslinski; Guillen, 2019) tem sido agenciada para “legitimar decisões e posições de poder, bem como favorecer sua inserção no mercado” (Koslinski; Guillen, 2019, p.148), o que se aproxima das ideias de “patrimonialização do sagrado” e “sacralização do patrimônio” propostas por Salemink (2021), no sentido daquilo que é patrimonializado acabar sendo organizado para ser exibido.

O maracatu-nação foi registrado como uma “forma de expressão da cultura negra” (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2012, p.9) por seus cortejos combinarem toques percussivos, canto e dança (Salgueiro, 2012). Em uma corte simbólica (composta por dama do passo/paço carregando as bonecas calungas<sup>7</sup>, rei e rainha, casais de príncipes e princesas, etc.), catirinas e demais personagens

---

<sup>5</sup> A partir do campo, é possível afirmar a existência de nações de maracatu que dialogam, também, com referências do catolicismo popular (Nossa Senhora Do Rosário, Nossa Senhora da Conceição), ao lado de práticas de matriz africana e afro-indígena. A pesquisa de Lima (2006) aponta que esta relação entre religiões de matriz africana e afro-indígena e as nações de maracatu nem sempre foi tão evidente, sendo, portanto, uma construção histórica. Devemos lembrar, no entanto, que os maracatus, enquanto agremiações, serviram por muitas décadas como uma estratégia de continuidade das práticas religiosas de matriz afro-indígena entre Recife e Olinda. Este território era, pejorativamente, denominado “catimbolândia” nos anos 1920/1940 por jornais da época devido à intensa concentração de terreiros (Halley, 2016).

<sup>6</sup> Ferreira (2012, 2016) realizou um trabalho minucioso de mapeamento das nações de maracatu de Pernambuco e da ocorrência de grupos de maracatu na escala global, analisando as conexões estabelecidas entre nações e grupos de maracatu.

<sup>7</sup> Termo polissêmico do tronco linguístico bantu, que pode significar passagem física ou sobrenatural (Carvalho, 2010), mar (Slenes, 1992), cemitério, boneco pequeno, “o iteque, a estatueta, representativo de qualquer entidade divinizada” (Lopes, 2006, p.58). No maracatu, a calunga representa os “eguns”, termo nativo da religião de matriz africana de tradição nagô, utilizado para se referir aos antepassados negros (Oliveira, 2011).

(caboclo arreiamar, porta-estandarte, entre outros) realizam uma performance de dança e, assim como batuqueiro(a)s, respondem em coro os mestres/ as mestras do baque, responsáveis por entoar as loas (músicas de maracatu).

Após dois anos sem carnaval em Recife devido à pandemia<sup>8</sup>, a oportunidade de realizar trabalhos de campo nesta cidade entre o segundo semestre de 2022 e Fevereiro de 2023<sup>9</sup> me permitiu acompanhar o retorno das performances das nações de maracatu aos espaços que ocupavam tradicionalmente: os espaços públicos. Gomes (2013, p.23) afirma que “nas sociedades urbanas e democráticas, um lugar privilegiado de exposição são os espaços públicos. O atributo da visibilidade é, portanto, central na vida social moderna e se ativa e se exerce pela existência dos diferentes espaços públicos.”. Para os maracatus-nação, a visibilidade alcançada através da apropriação simbólica dos espaços públicos é fundamental como estratégia de ativação do patrimônio, apesar de o espaço virtual também ter se tornado um meio de “manter o maracatu vivo” na pandemia, como afirmei em trabalho anterior (Souza, 2021).

Geograficamente, os cortejos das nações conformam “itinerários simbólicos” (Corrêa, 2012). Suas performances nos espaços públicos os (res)significa através do gestual, das vestimentas e da musicalidade com fortes referências afro-brasileiras e afro-indígenas, mas também com influências estéticas europeias nas roupas da corte real. Em um itinerário simbólico, o grupo pode se beneficiar, também, da própria significação atribuída a certas localidades as quais denominamos “lugares simbólicos” (Corrêa, 2012).

Para Guillen (2004, p.42), os “dois grandes rituais públicos dos quais os maracatus-nação fazem parte” são o Desfile de Agremiações Carnavalescas, no domingo de Carnaval, e a Noite dos Tambores Silenciosos, cerimônia de cunho religioso realizada no Pátio do Terço<sup>10</sup>, na segunda-feira carnavalesca. Acrescentaria, aqui, outros dois rituais públicos como exemplos das principais performances de (res)significação das “tradições”<sup>11</sup>, considerando a história dos maracatus-nação e a densidade simbólica

---

<sup>8</sup> Devido à pandemia de coronavírus, não houve Carnaval em 2021 e 2022 em Recife, fazendo com que as comunidades detentoras do maracatu-nação, sediadas em bairros periféricos, sofressem inúmeros impactos os quais serão abordados em trabalhos futuros, como parte da tese, mas fogem ao escopo deste artigo.

<sup>9</sup> As pesquisas de campo em Recife foram realizadas em dois momentos: o primeiro, entre Julho e Novembro de 2022; e o segundo, entre 29 de Janeiro e 28 de Fevereiro de 2023.

<sup>10</sup> Para uma análise geográfica aprofundada das relações entre espaço e religiosidade nos maracatus-nação, a partir da Noite dos Tambores Silenciosos de Recife, ver Ferreira (2013).

<sup>11</sup> Utilizo “tradições” nos termos propostos por Hobsbawn (1997, p.9-23).

dos eventos em si: 1) o "Tumaraca"<sup>12</sup>, encontro anual de nações de maracatu que ocorre no Marco Zero de Recife e abre oficialmente o Carnaval da cidade; 2) a coroação de rei e rainha de uma nação de maracatu.

As coroações nos maracatus, com razoável continuidade, já se ressignificaram (Guillen, 2007, Oliveira, 2011). Ainda que a importância atribuída à coroação pública de rei e rainha varie entre as nações de maracatu contemporâneas, sua realização pode conferir poder (simbólico e/ou material), tanto para quem é coroado quanto para o maracatu ao qual pertence (Guillen, 2007; Oliveira, 2011, 2017). De acordo com Guillen (2007, p. 182), “tanto nas práticas quanto no universo simbólico as coroações podem significar coisas muito diferentes, dependendo do momento histórico em que se esteja discutindo.”. Após alguns anos sem a realização de coroação pública de um maracatu-nação em Recife<sup>13</sup>, a nação Encanto da Alegria (fundada em 1998 e sediada no bairro da Mangabeira) promoveu, com o apoio de órgãos públicos ligados ao campo da cultura e do patrimônio da cidade de Recife e do Estado de Pernambuco, uma celebração em Julho de 2022 que integrou um dos trabalhos de campo. Diante deste contexto espaço-temporal, a **questão central** deste artigo é: qual(ais) a(s) significação(ões) da coroação da nação Encanto da Alegria realizada em 2022, considerando, especialmente, a sua espacialidade?

Os dados primários aqui compartilhados decorrem de metodologia qualitativa que incluiu: trabalhos de campo, conversas informais no cotidiano e entrevistas semiestruturadas com lideranças de algumas nações, especialmente o mestre do Encanto da Alegria Felipe de Xangô e Vinicius Alves, batuqueiro da nação que são, respectivamente, sobrinho e neto de Dona Ivanize (já falecida), fundadora e primeira rainha do Encanto da Alegria, além do diálogo com a bibliografia acadêmica e fontes oficiais de notícias, com circulação *online*, sobre a coroação do novo casal real desta nação de maracatu.

---

<sup>12</sup> O Tumaraca é um encontro idealizado pelo percussionista Naná Vasconcelos, restrito às nações de maracatu, que ocorre em um bairro de grande centralidade simbólica no Carnaval de Recife. No ano de 2023, em que realizei trabalhos de campo para a tese, os ensaios prévios do Tumaraca ocorreram nas comunidades dos maracatus e na Rua da Moeda sob a regência de mestre Chacon Viana da nação Porto Rico e contaram com a participação do grupo Voz Nagô. A abertura do Carnaval, em 2023, foi antecipada para a noite de quinta-feira, em que as lideranças das nações de maracatu se colocaram em evidência e marcaram o palco instalado no Marco Zero através de símbolos das religiões de matriz africana; na ocasião, o Tumaraca foi apresentado ao público, como um momento de encontro de “povos de terreiro”. Uma das principais contradições deste evento é a tentativa de se homogeneizarem os sotaques percussivos das nações participantes, aparentando aos espectadores que não há diferenças na identidade de cada nação e, conseqüentemente, na sua percussividade, ou seja, simplificando a manifestação cultural.

<sup>13</sup> De acordo com Jailma Oliveira, a última coroação pública de uma rainha de maracatu foi a de Dona Lígia, antiga rainha da Nação Raízes de Pai Adão, ocorrida em 2011 (Oliveira, 2017) em frente à Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. No entanto, Souza e Bezerra (2022) afirmam que a atual rainha desta mesma nação de maracatu, Luciana Andrade, foi coroada em 2018, sem precisar detalhes da cerimônia.

Buscando estabelecer um diálogo interdisciplinar, o trabalho foi organizado em três eixos principais: 1) o primeiro reflete sobre o papel do raciocínio geográfico/espacial na construção de dados primários em campo, o que pode ser útil tanto para outra(o)s geógrafa(o)s, quanto para pesquisadora(e)s de demais ciências afins; 2) o segundo é voltado a pensar o papel das coroações de maracatu; 3) o terceiro dedica-se ao exercício de interpretação da espacialidade (Gomes, 2013) da cerimônia pública de Coroação de rei e rainha da nação Encanto da Alegria através de algumas imagens (fotografias e croqui) realizadas em trabalho de campo na cidade de Recife, Pernambuco, em Julho de 2022.

## **TRABALHO DE CAMPO, OBSERVAÇÃO E DESCRIÇÃO GEOGRÁFICAS: PENSANDO E CONSTRUINDO ESPACIALIDADES**

A variedade de concepções sobre a Geografia é proporcional às interpretações e às recomendações de atuação em trabalho de campo, procedimento metodológico tão caro a nós geógrafa(o)s (Zusman, 2011,2014; Claval, 2013). Apesar das transformações no tempo, o trabalho de campo continua fundamental para pesquisadora(e)s vinculada(o)s às mais variadas correntes epistemológicas, na Geografia e nas ciências afins, por permitir a observação *in loco*, podendo revelar outras perspectivas acerca do nosso tema de pesquisa, confirmar (ou não) hipóteses prévias e mesmo trazer novas questões de pesquisa. Gomes (2013, p.9) afirma que “a observação faz parte do processo de descoberta das Ciências Sociais”, mas alerta:

Na bibliografia corrente nas Ciências Sociais, a visibilidade é tratada quase unicamente como visibilidade ou invisibilidade de certos grupos sociais. Nesses casos, o fenômeno se confunde com a noção de reconhecimento e com uma forçosa atribuição de importância ao foco do olhar, do que resulta uma superposição problemática entre duas coisas bem diversas: o ato de ver e o de conscientemente conferir valor ao que é visto. (Gomes, 2013, p.9-10).

A observação geográfica igualmente se enriquece com perspectivas dialógicas, sobretudo etnográficas, no sentido de não nos restringirmos ao exercício de ver/observar (objetos, pessoas, processos), mas também de ouvir e, de fato, escutar os sujeitos de nossas pesquisas em campo para que, então possamos interpretar e textualizar reflexões a partir dos dados empíricos (Cardoso de Oliveira, 1996). Em termos éticos, a devolutiva do texto aos interlocutores da pesquisa também se torna importante. Cardoso de Oliveira (1996, p.15) alerta que a experiência da pesquisa em campo é marcada por certa “domesticação do olhar” a partir de lentes teórico-conceituais de nossas disciplinas. Portanto, cada objeto ou fenômeno será observado - e interpretado- de modo específico a depender do profissional que busca compreendê-lo.

Ainda que a Geografia não seja a única disciplina em que a observação em campo é central na geração de dados, neste artigo ela é entendida como uma “forma de pensar” (Gomes, 2017) específica, dedicada a compreender a espacialidade dos objetos, fenômenos e processos, sendo construída por e interferindo nas relações sociais. Em Gomes (2013, p.17), a espacialidade consiste em uma “trama locacional”, isto é, “um jogo de posições relativas de coisas e/ou fenômenos que se situam, ao mesmo tempo, sobre esse mesmo espaço.”. O raciocínio geográfico, ao se preocupar com a espacialidade dos fenômenos (onde ocorrem, como se distribuem no espaço e por quê?), pode contribuir, metodologicamente, para a compreensão de questões econômicas, políticas, culturais e/ou religiosas em distintas temporalidades (Gomes, 2013, 2017).

Espacializar determinados objetos/formas ou processos é um exercício fundamental para a descrição geográfica (a qual pode ocorrer através de distintas linguagens) e, comumente, envolve a escolha e a ida a “campo” para se realizar a observação geográfica. Para Claval (2013, parágrafo 53.), “praticar a saída a campo é antes de tudo ter uma visão global daquilo que se estuda: o geógrafo vai de ponto de vista em ponto de vista”. Então, o que essa forma de pensar pode trazer de contribuição às demais ciências afins a respeito da observação em campo e da própria ideia de visibilidade? Gomes (2013) explica:

Queremos saber como a organização do espaço participa das estratégias que oferecem ou ampliam a visibilidade das coisas, fenômenos ou pessoas. Queremos também compreender o papel das figurações desses complexos planos de posições espaciais: como as representações do espaço são elas mesmas passíveis de serem analisadas como imagens de lugares? (Gomes, 2013, p.10).

Ou seja, assim como em um mapa (considerado uma forma gráfica de representar determinada porção do espaço), enxergamos somente alguns elementos do terreno ali representados, a forma com que o espaço geográfico é organizado implica em tornar mais (ou menos) visíveis alguns elementos que o constituem. As representações sobre os lugares são, nesse sentido, também, *pontos de vista* (Gomes, 2013) sobre eles.

Realizar uma observação geográfica em determinada *localização* trará uma perspectiva específica (ponto de vista). E, na(s) localidade(s) escolhida(s), a mudança da *posição* da pesquisadora no espaço, para contemplar variados *pontos de vista*, é fundamental à criação de dados espaciais a partir do exercício de observação geográfica (Besse, 2006; Gomes, 2013; Gomes; Ribeiro, 2013; Claval, 2013). Claval (2013) também pontua a importância das diversas escalas de análise geográfica na elaboração de um nexos territorial entre elementos locais, regionais e/ou globais. Trata-se de um procedimento geográfico que permite a compreensão e a *descrição* da organização territorial do fenômeno que estudamos, o que Gomes (2013) chamou de *trama locacional*. Portanto, o trabalho de campo permite articular escalas na observação geográfica e na descrição das relações espaciais entre os objetos, sujeitos e/ou processos que estudamos.

Também é importante considerar a dimensão de poder envolvida no ato de expor e nos *lugares de exposição* (Gomes, 2013) de determinados objetos e/ou pessoas considerado(a)s simbólico(a)s de uma cultura. Os lugares de exposição reúnem três “componentes fundamentais da visibilidade: a inserção em uma narrativa, a posição morfológica de exterioridade e a apresentação ao público.” (Gomes, 2013, p.39). O que é exposto, apresenta-se ao olhar e à visão<sup>14</sup> de quem observa, em determinada(s) localização(ões), sendo exibido de uma maneira específica para produzir sentido para a(o)s expectadora(e)s (Gomes, 2013).

Para muito(a)s detentore(a)s do patrimônio, os espaços públicos configuram espaços de visibilidade e exposição adequados às agremiações que continuam em atividade; já os museus, ainda que sejam lugares de exposição consagrados (Gomes, 2013), adquirem conotação negativa neste contexto cultural (Kubrusly, 2013). “Ir para o museu”<sup>15</sup> significa que o maracatu encerrou suas atividades (Guillen, 2007; Kubrusly, 2013) e muitos dos objetos, inclusive alguns considerados sagrados e que recebiam tratamento ritual nos terreiros (os quais muitas vezes coincidem com as sedes das nações de maracatu), deixaram de recebê-lo. Assim, é necessário considerarmos a *significação dos lugares de exposição* dos fenômenos que estudamos nos trabalhos de campo para melhor compreendê-los.

O trabalho de campo em Geografia não se restringe à observação direta de determinado(s) ponto(s) no espaço, incluindo, também, a dimensão qualitativa “da intuição, da sensibilidade, do gosto, da estética” (Claval, 2013, parágrafo 19), sobretudo em estudos que dialogam com a perspectiva antropológica. Afinal, as identidades da pesquisadora em campo, bem como o recorte espacial do “campo”, constroem a pesquisa tanto quanto os *lugares de exposição* de elementos considerados em nossa interpretação espacial de um fenômeno. Nesse sentido, permitir-se ir a campo pressupõe “deslocamentos” físicos e, no caso da pesquisa etnográfica, a consciência das nossas *posicionalidades*, enquanto profissionais e pessoas, assim como dos sujeitos da pesquisa, contribuindo e sendo afetado pelas dinâmicas de construção da identidade e da alteridade (Katz, 1994; Cardoso de Oliveira, 1996; Cloke *et. al.*, 2004; Hall, 2016).

A centralidade ocupada pela visão na ideia de observação geográfica é criticada por alguns/algumas autore(a)s, que denominam essa tendência de “ocularcentrismo” (Cloke *et. al.*, 2004, p.15). Quem tem o

---

<sup>14</sup> O autor diferencia as ações de olhar e ver, conferindo à primeira um fluxo contínuo, geralmente desinteressado e à segunda uma maior atenção e interesse no que é exposto e observado.

<sup>15</sup> Um exemplo é o maracatu Elefante de Dona Santa (1877-1962), cujo acervo encontra-se em exposição no Museu do Homem do Nordeste, em Recife. Neste mesmo museu, também está exposta a boneca calunga Dona Joventina, cuja propriedade é reivindicada por duas nações de maracatu (Estrela Brilhante de Recife e Estrela Brilhante de Igarassu), conforme documentada por Kubrusly (2013).

poder de observar? Quem e o que é observado? Onde e como ocorrem exposição e observação? Várias questões emergem e dizem respeito à dimensão política dos atos de expor e de observar. Portanto, a observação, procedimento fundamental para a descrição geográfica, não necessariamente estará restrita ao sentido da visão para interpretar espacialidades de uma manifestação cultural e/ou religiosa.

Como afirma Cardoso de Oliveira (1996, p.18), “tanto o Ouvir quanto o Olhar não podem ser tomados como faculdades totalmente independentes no exercício da investigação”. Durante a cerimônia de coroação de rei e rainha da nação de maracatu Encanto da Alegria, a audição também foi primordial na apreensão de sua espacialidade. As falas, a sonoridade do baque de maracatu, as letras das toadas e das cantigas, eram linguagens que veiculam sentidos apreendidos por quem partilhava dos mesmos códigos culturais, como nos explica Hall (2016). Além disso, o Ouvir esteve presente em momentos do cotidiano (festas religiosas, encontros informais) em Recife, durante as entrevistas e conversas com os sujeitos da pesquisa. O desafio da descrição geográfica, neste trabalho, envolveu elementos do Escrever em campo (diário de campo) e após o campo – no “gabinete” (Cardoso de Oliveira, 1996), inclusive, em diálogo com os interlocutores.

A escrita posterior ao campo envolveu, também, percorrer a bibliografia específica. No próximo tópico, serão apresentados aspectos importantes para compreensão do ritual de coroação de rei e rainha nos maracatus-nação, a partir do diálogo interdisciplinar. Tais perspectivas nos ajudarão no exercício de interpretação da espacialidade da cerimônia pública de coroação do Encanto da Alegria, propriamente dita.

## **A COROAÇÃO NOS MARACATUS: REAFIRMANDO PODERES ATRAVÉS DA (EX)POSIÇÃO NO ESPAÇO PÚBLICO**

É comum que as coroações de reis e rainhas de maracatu sejam comparadas e, até mesmo, associadas diretamente à suposta continuidade das coroações de reis do Congo no Brasil, estas últimas tendo sido permitidas pela Igreja Católica, na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, até 1848 (Guillen, 2007). Guillen (2007) e Lima (2019), no entanto, questionam tal linearidade a partir de evidências históricas que indicam tanto a convivência e as disputas entre maracatus e reis do Congo no Brasil colonial quanto a continuidade das coroações nos maracatus, mesmo após o fim das coroações de reis do Congo pela Igreja.

Os maracatus foram perseguidos, sobretudo nos anos 1930 e 1940 devido aos vínculos com as religiosidades como Xangô e Jurema (Guillen, 2007; Halley, 2016). Entre as décadas de 1930 e 1950,

através de folcloristas e modernistas (Lima, 2019), se consolidou a ideia de “uma tradição, a de que ‘legítimos’ reis e rainhas de maracatu devem ser coroados e, mais precisamente, na frente da igreja de Nossa Senhora do Rosário.” (Guillen, 2007, p.189), localizada no bairro de Santo Antônio, em Recife. Entretanto, ainda que a referida Igreja fosse um “lugar simbólico” (Corrêa, 2012), conferindo legitimidade ao ritual de coroação nos maracatus, é possível afirmar, a partir de Guillen (2007), que tais cerimônias não foram homogêneas em termos de historicidade nem em sua espacialidade<sup>16</sup>.

Guillen (2007) sinaliza para dois aspectos a respeito dos rituais de coroação: sua continuidade e sua ressignificação. Seu interesse sobre as coroações surgiu no início dos anos 2000, quando dois maracatus realizaram a celebração pública para rainhas que já portavam este título: Dona Marivalda (em 2002), do Estrela Brilhante de Recife e Dona Ivanize (em 2003), do Encanto da Alegria (Guillen, 2007; Oliveira, 2011). Naquele momento, figuravam entre as polêmicas a questão do “poder de quem coroava” (liderança da igreja católica ou de terreiro) e o “local da coroação”; além disso, o “marketing” surgiu como argumento de maracatuzeiros críticos a ambas coroações citadas, o que permite afirmar a espacialidade como um viés fundamental na trama de sentidos envolvidos na cerimônia (Guillen, 2007, p.40).

Dona Marivalda se consagrou publicamente como rainha em frente à Igreja de Nossa Senhora do Rosário e foi coroada por Dona Elda de Oxóssi, yalorixá e rainha da nação Porto Rico, então concorrente direta do Estrela Brilhante de Recife no concurso de agremiações (Guillen, 2007). Dona Ivanize, fundadora e primeira rainha da nação Encanto da Alegria “escolheu a religião dos orixás como a mais indicada para fazer o ritual da sua sagração” (Oliveira, 2017, p.148) e optou pelo Pátio do Terço, ainda que houvesse uma forte representação do pátio da igreja do Rosário como um espaço público adequado para as coroações (Guillen, 2007; Oliveira, 2017). O Pátio do Terço é uma localidade situada no bairro São José, em Recife, com fortes referências identitárias para a cultura negra desta cidade, pois recebe, desde os anos 1960, a cerimônia da Noite dos Tambores Silenciosos na segunda-feira de Carnaval. Este mesmo local foi escolhido décadas antes para as coroações de Eudes, antigo rei do Porto Rico do Oriente e onde “foram coroados também Dona Mera, sua rainha, e o rei e a rainha do Leão Coroado.” (Guillen, 2007, p.198).

O protagonismo das rainhas (Guillen, 2007; Oliveira, 2011, 2017), parece ser reforçado quando elas atuam, também, como presidentes da nação de maracatu (Oliveira, 2011), o que as lança em frentes de negociação com representantes do poder público instituído e/ou através do poder religioso, pois,

---

<sup>16</sup> Guillen (2007) demonstra, inclusive, que apesar de fortes indícios de que Dona Santa, antiga rainha da nação Elefante, tenha se coroado em 1947 no terreiro, a imprensa divulgou que sua coroação havia ocorrido na Igreja do Rosário dos Homens Pretos.

necessariamente, precisam ser iniciadas no culto aos orixás<sup>17</sup> para que sejam coroadas (Guillen, 2007; Oliveira, 2011, 2017). Além disso, antes da cerimônia pública, há rituais de preparação religiosa nos terreiros de candomblé para fortalecer o *ori* (cabeça) de quem será coroada/o publicamente (Guillen, 2007).

A visibilidade promovida por uma coroação de um maracatu no espaço público<sup>18</sup> continua conferindo às rainhas das nações “ainda mais respeito junto ao grupo como também fora dele.” (Oliveira, 2017, p.145). Para Oliveira (2017), a realização de uma cerimônia de coroação em um maracatu, atualmente, acaba sendo uma escolha permeada ou orientada, pela possibilidade de ganhos simbólicos, políticos e/ou financeiros diante de um contexto bastante competitivo entre os(as) maracatuzeiros(as) (Oliveira, 2017, p.143). Tal competitividade entre nações de maracatu se apresenta na Avenida, durante Concurso de Agremiações Carnavalescas, mas também em relação aos deslocamentos espaciais de seus integrantes para ministrarem oficinas e “vivências” em outros estados brasileiros e fora do país. Durante a coroação do Encanto da Alegria em 2022, a cerimonialista exaltou, sobretudo, a atuação desta nação em três escalas (estadual, nacional e global), destacando especialmente esta última, ao se referir ao convite recebido para o festival de cultura em Rosário, na Argentina, e para uma palestra em Macau, na China.

Tal qual as coroações de Dona Marivalda (2002), Dona Ivanize (2003) e Dona Lígia<sup>19</sup> (2011), a de Amanda de Oxum (2022), da nação Encanto da Alegria, também ocorreu para confirmar seu cargo no maracatu, pois ela era rainha ao lado de Pai Clóvis Ramos há mais de cinco anos<sup>20</sup>. O novo casal real da

---

<sup>17</sup> A rainha, não necessariamente, precisa ser yalorixá (mãe de santo), como é o caso da rainha da nação Estrela Brilhante de Recife, a qual possui o cargo de Ekede, comumente chamadas de “mãe” por exercerem a função de cuidados em diversos espaços em um terreiro e auxiliarem diretamente a liderança (babalorixá ou yalorixá) da casa.

<sup>18</sup> Um exemplo recente é de Dona Marivalda, rainha coroada em 2002 e presidenta da nação Estrela Brilhante de Recife, uma das homenageadas pela Prefeitura de Recife no Carnaval de 2023, pela ocasião dos trinta e cinco anos de dedicação ao maracatu-nação. Durante observação participante em sua nação de maracatu, a acompanhei ao Baile Municipal da cidade de Recife, evento promovido pela Prefeitura, durante o qual o prefeito João Campos foi cumprimentá-la no camarote dos homenageados. Esta experiência será devidamente documentada e publicizada futuramente, pois foge ao escopo deste artigo. No entanto, o reconhecimento obtido com esta homenagem parece ter ampliado o acesso de D.Marivalda a outros espaços de grande visibilidade no Carnaval e, possivelmente, seu poder de negociação junto a autoridades públicas.

<sup>19</sup> Thiago Nagô, filho de Dona Lígia e contra-mestre do Estrela Brilhante de Recife, em conversa ao telefone em 31 de Março de 2023, afirmou que sua mãe se tornou rainha do Raízes de Pai Adão em 2003, por confirmação no jogo de búzios. D.Lígia se coroou em 2011, em frente à Igreja de Nossa Senhora do Rosário, por Dona Marivalda. O sacerdote do culto de coroação, em iorubá, foi Paulo Brás Felipe da Costa, cuja família carnal também esteve na cerimônia: Mãe Zite de Oxum (yalorixá de Dona Lígia), Mãe Lu de Iemanjá, Tia Zeri de Oxalá e Pai Cicinho de Xangô.

<sup>20</sup> Parte da preparação para a coroação foi documentada em reportagem televisiva, disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/10782622/>>. Acesso em 30 de Março de 2023. Informação também concedida pelo mestre da nação Encanto da Alegria, Felipe Tavares, conhecido como Felipe de Xangô, em entrevista realizada em sua casa, na Mangabeira, em 28 de Outubro de 2022.

nação Encanto da Alegria, Amanda e Jocelmo Calixto, foi coroado por dois babalorixás, no pátio da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Recife: Pai Clóvis e Pai Guará<sup>21</sup>.

Ainda há uma grande tensão em torno do formato das coroações nos maracatus<sup>22</sup>, seja em termos de organização (o local, quem coroará rei e rainha) ou das próprias narrativas (pontos de vista), incluindo as veiculadas pela imprensa e/ou as memórias construídas pelos próprios detentores, ambas envoltas em forte disputa simbólica, com argumentos legitimadores de comparação ao passado, como forma de ressaltar a tradição e conferir destaque para uma ou outra (Guillen, 2007; Koslinski, 2010, 2011; Oliveira, 2011, 2017).

### **A ESPACIALIDADE DA CERIMÔNIA PÚBLICA DE COROAÇÃO DE REI E RAINHA DO MARACATU NAÇÃO ENCANTO DA ALEGRIA (RECIFE, JULHO DE 2022)**

O interesse em espacializar a cerimônia surgiu da possibilidade de investigar: Quais as razões da escolha do pátio da Igreja do Rosário dos Pretos para esta coroação pública? Que leitura fazer a partir de sua *composição espacial* (dos elementos culturais materiais e imateriais presentes na cerimônia)? Para responder tais questões, considerarei a significação dos *lugares de exposição* (Gomes, 2013) do fenômeno estudado em campo para compreendê-lo.

Exercitando a mudança do *ponto de vista* para interpretar a espacialidade da cerimônia, elaborei um croqui (Figura 1), desde uma visão vertical, para pensar a *composição* escolhida para o evento. Priorizei uma “lógica imaginativa” de interpretação geográfica a qual “mantém as imagens como o elemento básico da interpretação” (Gomes; Berdoulay, 2018, p.362), isto é, quando elas são elaboradas e usadas como procedimento metodológico e auxiliam a elaborar questões para a investigação, e não apenas para ilustrar uma descrição textual, reforçando determinado raciocínio exposto.

Revisito este croqui (Figura 1) inspirada em Gomes e Ribeiro (2013, p.30) quando afirmam, sobre a produção de imagens da cena pública na Geografia: “comportamentos, gestos, maneiras de se apresentar,

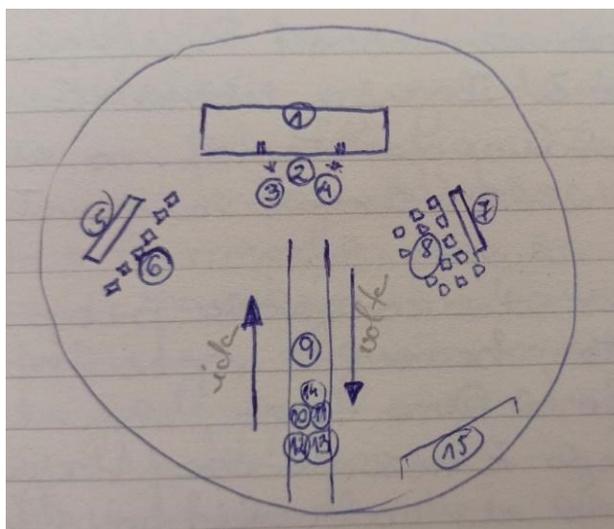
---

<sup>21</sup> Clóvis Ramos era o antigo rei e importante articulador do Encanto da Alegria até seu falecimento, em 2023. De acordo com Souza e Bezerra (2022), José Iguaracy Felipe da Costa (Pai Guará) é neto de Pai Adão (Felipe Sabino da Costa), e foi o primeiro rei do maracatu-nação Raízes de Pai Adão.

<sup>22</sup> Tal afirmativa é feita com base nos trabalhos de campo e entrevistas realizados por mim com detentores do maracatu-nação entre 2022 e 2023.

de falar, de estar nesses espaços produzem significações adjuntas à localização precisa do evento. Assim, obviamente, um mesmo gesto terá leituras e compreensão diversas segundo o lugar ao qual ele se associa.”.

Figura 1- Recife -Croqui da composição espacial de elementos durante a coroação pública da Nação Encanto da Alegria – 22 de Julho de 2022



Legenda: 1) Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos em Recife. 2) Duas calungas da Nação Encanto da Alegria. 3 e 4) Tambores tocados pelos ogãs. 5) *Banner* do evento “Coroação do Rei e Rainha”, com logo e cores da nação. 6) Assentos/cadeiras para pessoas mais velhas na tradição religiosa do “povo de santo”. 7) Mesa com troféus (estatueta de Oxalá) e flores entregues a homenageada(o)s. 8) Assentos/cadeiras para pessoas da gestão pública homenageadas e seus/suas acompanhantes. 9) Tapete vermelho. 10) Menina carregando a coroa da rainha em uma almofada. 11) Menino carregando a coroa do rei em uma almofada. 12) Rainha Amanda de Oxum. 13) Rei Jocelmo Calixto. 14) Damas de passo. 15) Lojas com marquises. Elaboração: a autora, 2022.

Na abertura da coroação, se apresentaram o Afoxé Omo Inã e o Caboclinhos Carijós, agremiações vinculadas à nação Encanto da Alegria, partilhando da mesma sede. Em seguida, foram homenageados representantes do “povo de terreiro”, de maracatus e pessoas da gestão pública<sup>23</sup>. Neste aspecto, devemos atentar para o *jogo de posições* dos elementos no espaço durante a cerimônia para pensar os sentidos dessa *composição espacial* organizada no pátio da igreja, considerado, nesta pesquisa, como um *lugar de exposição*, pois é pensado tanto para exibir alguns elementos como para esconder outros (Gomes, 2013). Havia dois “blocos” de cadeiras distribuídas à esquerda e à direita da porta da igreja, em que se

<sup>23</sup> As referidas instituições foram: Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (Fundarpe), Secretaria de Cultura de Pernambuco (Secult -PE) e Secretaria Municipal de Cultura e Núcleo Afro da Prefeitura do Recife.

posicionaram as calungas da nação, Dona Brígida e Dona Alice, ambas de frente para o público, em uma posição de centralidade que conota a forte densidade simbólica (sagrada) atribuída a elas (Figuras 1 e 2).

**Figura 2 - Recife - As calungas na coroação de rei e rainha da nação de maracatu Encanto da Alegria, em frente à Igreja do Rosário dos Homens Pretos – 22 de Julho de 2022**



Foto: a autora, 2022.

Entre as calungas e o público, situavam-se dois ilús (tambores comumente usados nas cerimônias do Xangô e/ou de Jurema), tocados por ogãs<sup>24</sup> durante toda a coroação (Figuras 1 e 2). No maracatu-nação, a calunga é uma boneca de cunho simbólico-religioso que simboliza um antepassado, um orixá (Ferreira, 2016; Guillen; Koslinski, 2019) ou pode, ainda, representar alguma entidade da Jurema que acompanha alguma liderança da nação<sup>25</sup>.

A partir do diálogo com detentores e dos trabalhos de campo desenvolvidos em Recife, é possível afirmar que as calungas são consideradas fundamentais para que um maracatu seja reconhecido como

---

<sup>24</sup> Ogã é um cargo religioso masculino nos terreiros brasileiros. Através dos toques sagrados nos tambores, eles conduzem as cerimônias dos Xangô pernambucano, candomblés e outras tradições religiosas afro-brasileiras, entre outras funções.

<sup>25</sup> Uma das calungas da nação Encanto do Pina, por exemplo, representa a pombagira Maria Padilha, que guia a mestra Joana Cavalcanti. Informação concedida a mim em entrevista dada por mestra Joana na sede da nação em 31/10/2022.

“nação” e para sua própria dinâmica, sendo sacralizada através de rituais religiosos antes do carnaval (e sempre que necessário) como forma de o grupo manter seu “axé” e conseguir realizar suas performances públicas e rituais internos com tranquilidade<sup>26</sup>, sob a proteção das bonecas (Koslinski, 2011). O cortejo de uma nação de maracatu é aberto com o porta-estandarte e pelas calungas, as quais são carregadas pelas damas de paço<sup>27</sup>.

É necessário destacar a disposição das cadeiras e o simbolismo do ato de se sentar em cadeiras dentro das tradições religiosas afro-brasileiras, símbolo de poder e responsabilidade. Homenageados do poder público e seus acompanhantes de um lado, e pessoas “mais velhas de santo” (perceptível pela espessura de seus fios de conta) de outro. Quem tinha lugar “reservado”, então, estava em uma *posição* de prestígio e visibilidade dentro da composição da cerimônia de coroação, tanto em relação ao público presente que circundava a área principal do evento quanto para quem acompanhou os registros através da televisão.

Em um momento de chuva, parte do público se aglomerou sob marquises, especulando sobre as razões da espacialidade da coroação e destacando a divulgação da cerimônia *dentro* Igreja do Rosário dos Pretos de Recife por uma emissora de TV<sup>28</sup>. Tais questionamentos foram respondidos pela cerimonialista a qual anunciou que houve um “mal entendido”, afirmando: “Nós vamos continuar mesmo com a igreja fechada, porque orixá é orixá!”. Através de sua fala, percebe-se uma tensão de cunho religioso, tanto por parte da irmandade (ao não permitir que a cerimônia ocorresse dentro da igreja) quanto pelo “povo de santo” presente, o qual manteve a coroação pública do maracatu contando com lideranças de terreiro apenas.

Felipe de Xangô, mestre da nação Encanto da Alegria, reconheceu o caráter grandioso do evento. No entanto, afirmou que a coroação não foi maior, pois a repórter divulgou, ao vivo, que a cerimônia ocorreria *dentro da igreja*, o que teria gerado uma pressão por parte de católicos, fazendo com que o padre fechasse as portas da igreja<sup>29</sup>. O planejamento para a cerimônia foi descrito da seguinte forma:

O padre vinha pra fora, com as portas abertas, **pra pegar aquela imagem linda**, eles iam se ajoelhar na porta e o padre ia (pausa com gesto de benzimento com água)...**fazer igual fez há 50 anos atrás que foi a última coroação, há 50 anos<sup>30</sup> que foi Elda...com o padre presente. Então, o Encanto**

<sup>26</sup> Koslinski; Guillen (2019, p.150) afirmam que a relevância atribuída às calungas por maracatuzeiros não é unânime.

<sup>27</sup> De acordo com os interlocutores desta pesquisa, estas mulheres precisam cumprir alguns preceitos religiosos no período após as obrigações realizadas para as calungas, dias antes do carnaval e durante a festa carnavalesca em si.

<sup>28</sup> Reportagem disponível em: <[https://globoplay.globo.com/v/10782622/?utm\\_source=whatsapp&utm\\_medium=share-bar](https://globoplay.globo.com/v/10782622/?utm_source=whatsapp&utm_medium=share-bar)>. Acesso em 03 de Agosto de 2022. Também há o registro audiovisual da cerimônia, publicado pelo perfil no *Youtube* “PE no Ar”, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cuZADBZSAZY>. Acesso em 27 Mar. 2023.

<sup>29</sup> Entrevista concedida à autora em sua residência, na Mangabeira, em 28 de Outubro de 2022.

<sup>30</sup> A nação Porto Rico afirma que sua rainha Elda Viana teria sido coroada em 1980 (Guillen, 2007; Koslinski, 2010, 2011), ou seja, há menos de cinquenta anos.

**ia quebrar esse... não quebrou.** O padre não saiu. (Felipe Tavares, em entrevista concedida em 28 de Outubro de 2022).

**Figura 3 – Recife - Coroação pública de casal real da nação Encanto da Alegria– 22 de Julho de 2022**



Foto: a autora, 2022.

Destacam-se, no depoimento de mestre Felipe, o pensamento espacial e as disputas simbólicas. Sua nação organizou a cerimônia pública a partir de um *raciocínio espacial* ao desejar *enquadrar* (Gomes, 2017) as imagens da coroação (Figura 3) com a intenção de se equiparar a uma das nações concorrentes, especialmente a nação Porto Rico e, ao mesmo tempo, se distinguir das demais. Ao escolher o lugar da coroação, a nação definiu “um ponto de vista, um enquadramento, uma escala de aproximação e uma composição. Essa escolha é uma colocação em relação das coisas que estão juntas, enquadradas e que produzem sentido uma vez que estão associadas pela posição no espaço.” (Gomes e Ribeiro, 2013, p. 32).

Além disso, um dos argumentos para a escolha do local e da composição espacial da coroação baseia-se em uma afirmativa presente na construção de memória – e legitimidade – da nação Porto Rico (Guillen, 2007; Koslinski, 2010, 2011): a de que D. Elda Viana, rainha deste maracatu, é a única rainha ainda viva e

coroadas na Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos pelo cônego da mesma<sup>31</sup> (Guillen, 2007).

O discurso de mestre Felipe de Xangô permite afirmar que parte da estratégia espacial do Encanto da Alegria para a coroação de 2022 integrava uma disputa simbólica; afinal, buscava se equiparar à nação Porto Rico. Ainda que, até o presente momento, a literatura não precise detalhes da coroação da rainha do Porto Rico documentalmente (Koslinski, 2010; 2011; Guillen, 2007), e sem desejar invalidar a oralidade como importante fonte de pesquisa, é possível que Felipe de Xangô, mestre de maracatu mais jovem em atividade em Recife hoje, a narrativa de distinção do maracatu Porto Rico agenciada por suas lideranças, o que demonstra o papel dos simbolismos para o pensamento e a ação dos maracatus no espaço da cidade.

Além do exercício do olhar, a compreensão da espacialidade da coroação não pôde ser separada de sua sonoridade, pois foi conduzida pelo toque dos tambores (ilús) e cânticos em iorubá para “pedir licença” e prestar homenagem a orixás e ancestrais do maracatu-nação, principalmente Dona Ivanize, antiga rainha da nação Encanto da Alegria. Também foi citada Dona Santa, antiga rainha da nação Elefante e referência para várias(o)s maracatuzeir(a)s. Um dos orixás mais louvados foi Oyá/Iansã, responsável, na mitologia iorubá, por encaminhar espíritos desencarnados (eguns) ao plano espiritual (Orun). Ao mesmo tempo em que se cantava para Oyá, se saudavam antigos reis e rainhas de maracatus. A cada cantiga, o público adepto às religiões de matriz africana celebrava ao dançar com gestual correspondente ao orixá reverenciado.

Após o segundo momento de homenagens, rei e rainha dançaram pelo tapete vermelho em direção ao antigo rei Clóvis de Oxum o qual se posicionava em frente à porta da igreja, ao fundo da “cena”. Anteriormente, Clóvis já havia passado, publicamente, seu posto para outro rei na nação Encanto da Alegria. Como afirma Oliveira: “Embora alguns reis também tenham tentado se consolidar por meio da coroação, como foi o caso de Isaías do Maracatu Encanto da Alegria e de outros mais, são as rainhas que

---

<sup>31</sup> Os trabalhos de Guillen (2007) e Koslinski (2010), demonstram que esta afirmativa, divulgada no site oficial da nação, faz parte da construção da memória da nação Porto Rico, sediada no Pina, principalmente por parte de D. Elda Viana e, atualmente, de seu filho e mestre da nação Porto Rico Chacon Viana. Em Guillen (2007, p.201), consta que D. Elda afirmou, em entrevista concedida à esta autora em 07/04/2004, “ter sido coroadas na Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos em 1980, sem especificar o dia, pelo Cônego da mesma igreja.”. Em Oliveira (2011, p.57), o dia 08/10/1980 consta como data de coroação de D. Elda de Oxóssi. Em Guillen (2007, p.192-194), há um depoimento de D. Marivalda, de 3/03/2004, dizendo o porquê foi coroadas por Elda, que já tinha sido coroadas e se vangloriava disso na TV. Em conversas durante pesquisa participante em 2022 para construção da tese, Dona Marivalda, apesar de ter relatado episódios de desavenças entre seus maracatus (Estrela Brilhante de Recife e Porto Rico), afirmou que respeita Elda como sua “madrinha”, pois foi ela quem a coroou. Atualmente, devido à situação delicada de saúde em que se encontra Mãe Elda, em estágio avançado de Alzheimer, ela já não desfila na Avenida como rainha de sua nação desde o Carnaval de 2023 para fins competitivos, tendo sido simbolicamente substituída por sua filha para tal. Em momento de conversa informal após a entrevista concedida a mim em 04/10/2022, seu filho Chacon Viana explicou que ninguém pode usar a coroa de D.Elda e que ela continuará sendo a rainha de sua nação enquanto estiver viva.

permanecem sendo as mais enfatizadas.” (Oliveira, 2017, p.143-144)<sup>32</sup>. Um de meus interlocutores na nação Encanto da Alegria explicou da seguinte maneira a coroação de Isaías:

Vê bem: esse Isaías, na verdade, foi uma tentativa ...porque, assim, Clóvis, na época, já estava meio cansado e meio doente. Esse Isaías nunca foi rei com minha avó, sempre foi o Clóvis. O Clóvis, desde o fundamento do Encanto, foi um dos braços...era o maior amigo da minha vó, assim, de vida, sempre foi o Clóvis. Aí, com o tempo, o Clóvis cansou, a doença veio... não a doença, eu acho que a velhice e a cabeça que ele não tinha muito pra isso mais. Aí convidou Isaías, que era do santo, era um amigo dele, pra ser o rei. O Isaías foi rei com a Zilda que foi uma filha de santo da minha avó. Se coroaram ele a Zilda como rei e rainha, fez a coroação tudo certinho, mas também se não deu certo, foi se desgastando. Com a saída da Zilda, veio a Amanda. Agora, eu não sei te responder, eu não lembro se Amanda foi rainha com o Isaías, eu não sei não sei te falar isso, visse?! Mas Isaías já veio muito depois da morte da minha avó e hoje o Isaías saiu do candomblé e virou crente, evangélico. (Vinícius Alves, neto de Dona Ivanize Maria Tavares e batuqueiro da nação Encanto da Alegria, em depoimento colhido ao telefone, em 29 de Março de 2023).

Ainda que Clóvis fosse um dos principais articuladores do Encanto da Alegria<sup>33</sup>, continuava almejando transferir seu posto de rei e, em 2022, o escolhido foi Jocelmo Calixto. Ao receber as coroas diretamente de duas crianças que as carregavam em almofadas, Pai Clóvis<sup>34</sup> coroou a rainha e, em seguida, o novo rei. O caráter sacralizador da coroação no maracatu-nação do qual falava Guillen (2007), bem como seu vínculo com a religião dos orixás, parecem ter continuidade. Dona Ivanize, fundadora e antiga rainha do Encanto da Alegria, afirmou em entrevista à referida historiadora no ano de 2003: “Coroação e orixá, eu acho que eles até agradece. Chega mais para dentro do maracatu, para dentro da casa, fica com mais responsabilidade com aquela pessoa. E se coroou-se, então eu acho quando você está se coroando está coroando também seu orixá.” (Guillen, 2004, p. 47).

Devido à organização espacial do evento, à própria disposição espacial dos corpos do casal real (ajoelhado de frente para a igreja), das lideranças de terreiro e do público da cerimônia, não foi possível obter uma fotografia do momento mais íntimo e, ao mesmo tempo, mais voltado aos holofotes: a coroação propriamente dita. Esse momento pôde ser acompanhado com detalhamento pelas lideranças de terreiro, pessoas mais velhas “de santo”, integrantes da nação e representantes do poder instituído. A elevação de cada coroa representou o ápice da cerimônia para o público, tornando visível o reconhecimento da rainha Amanda como tal e indicando que o antigo rei encerrava um ciclo e se iniciava, a partir dali, um novo momento para a nação (Figura 4).

---

<sup>32</sup> A autora não precisa a data desta coroação.

<sup>33</sup> Informação concedida pelo mestre Felipe Tavares e pelo batuqueiro Vinícius Alves, em entrevista realizada na Mangabeira, em 28 de Outubro de 2022. Clóvis de Oxum faleceu em 2023 e foi homenageado pela nação Encanto da Alegria no enredo do Carnaval de Fevereiro de 2024, tendo obtido a terceira colocação no Concurso de Agremiações Carnavalescas deste ano.

<sup>34</sup> Antigo rei da nação Encanto da Alegria, mas bastante atuante na organização do maracatu até os dias atuais.

**Figura 4 – Coroação do novo rei da nação Encanto da Alegria em frente à Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos – 22 de Julho de 2022**



Foto: a autora, 2022.

Na coroação, três outras rainhas de maracatus presentes na cerimônia portavam suas coroas: Mametu Nadja de Angola<sup>35</sup>, Geiza de Nanã<sup>36</sup> e Luciana Andrade<sup>37</sup>, respectivamente, das nações Leão da Campina, Aurora Africana e Raízes de Pai Adão. O que chama atenção, além do simbolismo da coroa sendo erguida, é seu apelo imagético (inúmeras pessoas realizavam seus registros audiovisuais com celulares), ainda que as portas da igreja não estivessem abertas como desejava a nação Encanto da Alegria (Figura 4). Ao portarem suas coroas, rei e rainha dançaram sobre o tapete vermelho, acompanhados das damas de paço com as calungas, na direção contrária à igreja, ao som do baque comandado pelo mestre Felipe de Xangô,

<sup>35</sup> De acordo com Oliveira (2011), a coroação da rainha Nadja de Angola ocorreu em 21 de Maio de 2004.

<sup>36</sup> De acordo com Fábio Sotero (presidente do Aurora Africana), em conversa ao telefone ocorrida em 07 de Agosto de 2024, Geiza de Nanã era batuqueira desta nação e se tornou rainha no ano de 2016. Não houve uma cerimônia aberta de sua coroação, “apenas interna no sagrado”, ou seja, no terreiro. Por motivo de saúde, Geiza precisou deixar o reinado após carnaval de 2023 e, atualmente, quem assumiu o posto de rainha da nação Aurora Africana é Joelma Evaristo.

<sup>37</sup> De acordo com Souza e Bezerra (2022), a rainha Luciana Andrade foi coroada no ano de 2018.

que entoou a loa: “Nagô, nagô, nossa rainha já se coroou! Nosso rei que veio de África, rainha se coroou!”<sup>38</sup>, em celebração ao casal. Os batuqueiros tocaram pelo tapete vermelho até que o público se dispersasse.<sup>39</sup>

Oliveira (2017) estabelece uma relação entre a organização interna das agremiações e a importância conferida à coroação: é necessário haver interesse das lideranças para que ela ocorra; e o poder conferido (ou não) à rainha, em termos de gestão do maracatu, pode ser um dos critérios. Esta mesma autora afirma que as coroações são usadas e agenciadas de diferentes formas e que sua retomada tanto tem a ver com a “sua importância simbólica, quanto pelos interesses que movem as ações dos sujeitos na teia de relações em que estão inseridos. A reconfiguração de poder que a sagração promove para as rainhas acaba também por legitimar e fortalecer sua posição como presidente do grupo.” (Oliveira, 2017, p.149). No Encanto da Alegria, a rainha não se tornou presidenta após sua coroação pública<sup>40</sup>, o que indica, a princípio, a finalidade estratégica da cerimônia para a afirmação da nação, em busca de maior legitimidade e visibilidade perante demais maracatus, autoridades públicas e religiosas (de matriz africana e afroindígena) e o público mais amplo. Além disso, como afirmou Vinícius, neto de Dona Ivanize e batuqueiro do Encanto da Alegria, foi mais uma tentativa de não sobrecarregar o antigo rei Clóvis de Oxum, já idoso naquele momento.

Além da competitividade entre os maracatus, outra razão desta coroação pública é o comunitarismo/senso de coletividade interna. O fortalecimento da nação promovido pelo primeiro lugar no Concurso de Agremiações Carnavalescas do ano de 2018, quebrando uma hierarquia no desfile em que Porto Rico e Estrela Brilhante de Recife vinham se revezando no pódio há muitos anos, bem como o esforço de retomada das atividades da nação após dois anos sem realizar apresentações ou ensaios devido à pandemia foram apontados por mestre Felipe de Xangô como duas das motivações para a nação Encanto da Alegria organizar esta coroação. Em suas palavras, “O Encanto parou total.”<sup>41</sup> durante a pandemia.

Tanto a materialidade da configuração espacial das práticas culturais quanto as significações do espaço público apropriado por elas atuam na construção de sentidos (Hall, 2016). Corrêa (2008) lembra que o simbolismo de alguns lugares apropriados por um grupo pode se relacionar tanto com a afirmação de seu “status” quanto de sua “identidade étnica ou religiosa”. A partir das observações em campo e

---

<sup>38</sup> Loa de domínio público.

<sup>39</sup> Mestres e batuqueiro(a)s das nações de maracatu Raízes de Pai Adão e Aurora Africana também tocaram neste momento.

<sup>40</sup> O presidente da nação Encanto da Alegria é, desde 2014, Anderson Santos. É possível conhecer um pouco mais de sua história e seu trabalho na nação em um vídeo elaborado a partir do Edital do Prêmio de Salvaguarda e Registro Audiovisual de Saberes Tradicionais e da Cultura Popular (LAB-PE), disponível através do link: <https://www.youtube.com/watch?v=y0aCNdR1N4M>. Por dificuldades de conciliação de agendas, não foi possível entrevistá-lo durante a estadia em Recife.

<sup>41</sup> Informações concedidas pelo mestre Felipe de Xangô em entrevista realizada em sua residência, em 28 de Outubro de 2022.

entrevistas, é possível afirmar que a coroação do Encanto da Alegria integrou sua estratégia espacial tanto como rito de passagem, almejando a continuidade das atividades da nação, quanto como territorialidade de afirmação de identidade(s) étnico-religiosa(s), na busca de legitimidade perante grupos sociais diferentes (mas não excludentes)<sup>42</sup>. Ao compor a cena pública e ser transmitida pela mídia televisiva, a coroação conferiu à nação Encanto da Alegria um “status” que a distingue simbolicamente de outras agremiações que não realizaram alguma cerimônia com esta finalidade. Desse modo, é evidente o papel da espacialidade na construção do significado (Hall, 2016) de uma prática cultural patrimonializada em exposição pública.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste trabalho, busquei interpretar a espacialidade de uma cerimônia pública de coroação de um maracatu-nação, a partir de diferentes pontos de vista. Acompanhar *in loco* tal cerimônia foi fundamental para apreender o jogo de sentidos entre maracatu-nação e espaço e, também, proporcionar um “olhar geográfico” para esse ritual de celebração que, até os dias atuais, se situa nos debates de maracatuzeiros que buscam legitimar seus grupos a partir da ideia de tradição. *Posição, composição, ponto de vista e exposição/lugar de exposição*, propostas por Gomes (2013), foram categorias úteis neste exercício de olhar geograficamente para este evento. No entanto, a materialidade em si não foi suficiente para o exercício de interpretação geográfica ao qual me propus. Foi necessário considerar as sonoridades que marcaram simbolicamente o espaço público durante a coroação e acessar as significações de alguns símbolos materiais (sobretudo do candomblé) e, além disso, a escuta aos interlocutores durante as entrevistas e conversas informais também compôs esta observação geográfica.

A cerimônia consistiu tanto em uma celebração cultural e religiosa, quanto de afirmação de autoridade perante grupos sociais. O caráter de “sacralização” e de encenação pública do poder das coroações nos maracatus, e de certa distinção das nações cujas rainhas foram publicamente coroadas e seus maracatus, apontados por Guillen (2004), Oliveira (2017), Koslinski e Guillen (2019), ao que tudo indica, se mantém.

A presente pesquisa também apontou para o fato de que uma nação de maracatu não organiza coroações públicas apenas voltadas “para fora”, em uma lógica competitiva diante de outros maracatus, mas também “para dentro”, como estratégia de reforçar a coletividade e o senso de pertencimento de seus

---

<sup>42</sup> Lideranças do campo da Cultura e do Patrimônio e o “povo de santo” e demais maracatus presentes.

integrantes, o que tornaria interessantes trabalhos futuros acerca deste último aspecto, seja nesta ou em demais nações as quais realizarem coroações públicas nos próximos anos.

## **AGRADECIMENTOS**

Este trabalho é resultado de um projeto de pesquisa desenvolvido, sobretudo, ao longo do Doutorado Sanduíche no País cursado na Universidade Federal de Pernambuco (no Laboratório de Estudos sobre Espaço, Cultura e Política - LEC-Geo UFPE) e contou com financiamento do CNPq, do Colégio Pedro II e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRJ. Agradeço a tais instituições, por tornarem possível minha imersão em campo, e aos detentores do maracatu-nação que tanto contribuíram para a construção da pesquisa através das entrevistas concedidas.

## **REFERÊNCIAS**

BESSE, J. **Ver a terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. **Revista de Antropologia**, São Paulo, Brasil, v. 39, n. 1, p. 13–37, 1996. DOI: 10.11606/2179-0892.ra.1996.111579. Disponível em: <https://revistas.usp.br/ra/article/view/111579>.. Acesso em: 6 ago. 2024.

CARVALHO, E. I. **Diálogos de Negros, monólogo de brancos: Transformações e apropriações musicais no maracatu de baque virado**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

CARVALHO, F. M. Diáspora africana: travessia atlântica e identidades recriadas nos espaços coloniais. **Mneme - Revista de Humanidades**, 2010, v. 11, n. 27, p. 14-24. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/835> . Acesso em: 7 ago. 2024.

CLAVAL, P. O papel do trabalho de campo na geografia, das epistemologias da curiosidade às do desejo. **Confins** [En ligne], n.17, 2013. URL: <http://journals.openedition.org/confins/12414> Acesso em: 13 jun. 2022.

CLOKE, P.; COOK, I.; CRANG, P.; GOODWIN, M.; PAINTER, J.; PHILO, C. **Practising Human Geography**. London: SAGE Publications Ltd., 2004.

CORRÊA, R. L. Espaço e simbolismo. In: CASTRO, I. E. de.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (orgs.). **Olhares geográficos: modos de ver e viver o espaço**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. p.133-153.

CORRÊA, R. L. A espacialidade da cultura. *In: OLIVEIRA, M. P.; NUNES, M. C. C.; CORRÊA, A.M. (orgs.). O Brasil, América Latina e o Mundo – Espacialidades Contemporâneas.* Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2008.

FERREIRA, C. L. **A Geografia do Maracatu-Nação de Pernambuco:** representações espaciais e deslocamento de elementos no Brasil e no mundo. Tese (Doutorado em Geografia). Programa de Pós Graduação em Geografia, Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

FERREIRA, C. L. A Noite dos Tambores Silenciosos: territorialidade negra e hierofania no Pátio do Terço -Recife (PE). *In: XV ENANPUR ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL.* Tema: Desenvolvimento, Planejamento e Governança. v. 15 n. 1, 2013, p.1-15, Recife. **Anais [...].** Disponível em: <http://anais.anpur.org.br/index.php/anaisenanpur/article/view/323>. Acesso em: 27 Mar. 2023.

FERREIRA, C. L. **O espaço dos Maracatus-Nação de Pernambuco:** território e representação. Dissertação (Mestrado em Gestão Ambiental e Territorial). Departamento de Geografia, Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

GOMES, P. C. C. **O lugar do olhar:** elementos para uma geografia da visibilidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

GOMES, P. C. C. **Quadros geográficos:** uma forma de ver, uma forma de pensar. 1.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

GOMES, P. C. C.; CLAVAL, P. Imagens na geografia: importância da dimensão visual no pensamento geográfico. *In: Cuadernos de Geografia: Revista Colombiana de Geografía,* v. 27, n.2, jul. - dez. de 2018, p. 356-371.

GOMES, P. C. C.; RIBEIRO, L.P. A produção de imagens para a pesquisa em Geografia. *In: Espaço e Cultura,* UERJ, RJ, n. 33, p.27-42, Jan./Jun. de 2013. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/espacoecultura/article/view/8465/6275> . Acesso em 07 ago. 2024.

GUILLEN, I. C. M. Entre bordados, costuras e tambores: a oralidade nos maracatus-nação de Recife, Pernambuco. Apontamentos para pensar o trabalho de campo e a história oral nos inventários do patrimônio imaterial. *In: BAUER, L.; BORGES, V. T. B. (Org.). História oral e patrimônio cultural: Potencialidades e transformações.* 1ed., São Paulo: Letra e Voz, v. 1, 2018. p. 113-135.

GUILLEN, I. C. M. Rainhas coroadas: história e ritual nos maracatus-nação do Recife. *In: LIMA, I.M.F.; GUILLEN, I.C.M. (org.). Cultura Afro-descendente no Recife: maracatus, valentes e catimbós.* Recife: Bagaço, 2007. p.-179-202.

HALL, S. **Cultura e representação.** (Traduzido por Daniel Miranda e William Oliveira). Rio de Janeiro: Ed PUC-Rio : Apicuri, 2016.

HALLEY, B. M. Higienização e repressão aos xangôs: As tramas negras de resistência na Catimbolândia do Recife (1920-40). *In: MAUAD, A.M.; CASTRO, C. C.M. M.; ALMEIDA, J.R.; SANTHIAGO, R.*

(org.). **Perspectivas da História Pública no Brasil: experiências e debates**. 1.ed. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2016. p.51-61.

HOBSBAWN, E. A Invenção das Tradições. In: HOBSBAWN, E.; RANGER, T. (orgs.). **A Invenção das Tradições**. 6.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p.9-23.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Inventário Nacional de Referências Culturais do Maracatu-Nação**. 2012. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/DOSSIE\\_MARACATU\\_NA%C3%87%C3%83O.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/DOSSIE_MARACATU_NA%C3%87%C3%83O.pdf) Acesso em: 06 Ago. 2024.

KATZ, C. Playing the Field: Questions of Fieldwork in Geography. **Professional Geographer**, 46(1) 1994, p.67-72.

KOSLINSKI, A. B. Z. Nas fronteiras entre mito e história: o caso da nação do maracatu Porto Rico. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA ORAL, 10., 2010, Recife. **Anais [...]**. Recife: ABHO, 2010. p. 1-15. Disponível em: [https://www.encontro2010.historiaoral.org.br/resources/anais/2/1270577211\\_ARQUIVO\\_NasFronteirasEntreMitoehistoria.pdf](https://www.encontro2010.historiaoral.org.br/resources/anais/2/1270577211_ARQUIVO_NasFronteirasEntreMitoehistoria.pdf) . Acesso em: 11 jun. 2024.

KOSLINSKI, A. B. Z. “**A minha nação é nagô, a vocês eu vou apresentar: Mito, Simbolismo e Identidade na Nação do Maracatu Porto Rico.**” Dissertação (Mestrado em Antropologia). Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2011.

KOSLINSKI, A. B. Z.; GUILLEN, I. C. M. Maracatus-nação e a espetacularização do sagrado. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 39(1), 2019. p.147-169. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/zRfZbFfCkhXzPBt8jbDS93w/>. Acesso em: 07 Ago. 2024.

KUBRUSLY, C. As moradas da calunga Dona Joventina: objetos, pessoas e deuses nos maracatus de Recife. In: GONÇALVES, J. R.S.; BITAR, N. P.; GUIMARÃES, R. S. (org.). **A alma das coisas: patrimônio, materialidade e ressonância**. Rio de Janeiro: Mauad X : Faperj, 2013. p.211-230.

LIMA, I. M. F. A distinção dos dois tipos de maracatus: a invenção de uma tradição. **Afro-Ásia**, Salvador, n.61, 2020, p.158-190. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/29628>. Acesso em: 07 ago. 2024.

LIMA, I. M. F. As “origens” dos Maracatus-Nação do Recife: uma história linear e sem transformações? **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 11, n. 27, maio/ago. 2019, p.255 – 282. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180311272019255>. Acesso em: 07 ago. 2024.

LIMA, I. M. F. Maracatu-Nação e grupos percussivos: diferenças, conceitos e histórias. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 61, jul./dez. 2014, p. 303-328. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/39020/23832> . Acesso em: 07 ago. 2024.

LIMA, I. M. F. Maracatus-Nação e Religiões Afrodescendentes: uma relação muito além do Carnaval. **Diálogos**, DHI/PPH/UEM, v. 10, n. 3, 2006, p. 167-183. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/38972/20499> . Acesso em 07 ago. 2024.

LOPES, N. **Novo Dicionário Banto do Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

OLIVEIRA, J. M. **Rainhas, mestres e tambores: gênero, corpo e artefatos no maracatu-nação pernambucano**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

OLIVEIRA, J. M. "... Quem manda aqui sou eu!" Rainhas Coroadas nos Maracatus Nação Pernambucanos: inversões de papéis e rupturas nos espaços de poder. **REIA- Revista de Estudos e Investigações Antropológicas**, ano 4, v. 4(1), 2017, p.132-152. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/reia/article/view/230029/24211> . Acesso em 07 ago. 2024.

SALEMINK, O. "Anthropologies of Cultural Heritage". In: PEDERSEN, L. & CLIGGET, L. (ed.). **SAGE Handbook of cultural anthropology**. London: SAGE Publications, 2021. p. 409-427.

SALGUEIRO, L. **Os movimentos do Maracatu Estrela Brilhante de Recife: os "trabalhos" de uma "nação diferente"**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói), 2012.

SLENES, R.W. Malungu Ngoma vem! África coberta e descoberta do Brasil, **Revista USP**, 1992. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revusp/article/view/25575/27317> . Acesso em: 07 ago. 2024.

SOUZA, L. L. de. Geografia e pesquisa etnográfica na pandemia: investigando desafios e possibilidades a partir do circuito carioca de maracatu. In: ENCONTRO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM GEOGRAFIA, 14., 2021, online. **Anais [...]**, Campina Grande: Realize Editora, 2021. p. 1-20. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/78512> . Acesso em: 11 jun. 2024.

SOUZA, M. K. S.; BEZERRA, A. A. Maracatu raízes de pai Adão: identidade, memórias e relatos. In: CONGRESSO DA ANPPOM (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música), 32, 2022. Natal, **Anais[...]**, Natal: Portal de Congressos da ANPPOM, p.1-15. Disponível em: <https://anppom-congressos.org.br/index.php/xxxiiicongresso/xxxiiCongrAnppom/paper/viewFile/1074/793>. Acesso em: 06 Ago. 2024.

ZUSMAN, P. La descripción em Geografía. Um método, uma trama. **Boletín de Estudios Geográficos**, n.102, 2014. p. 135-149. Disponível em: [https://siip2019-2021.bdigital.uncu.edu.ar/objetos\\_digitales/6811/007-zusman-beg-102.pdf](https://siip2019-2021.bdigital.uncu.edu.ar/objetos_digitales/6811/007-zusman-beg-102.pdf). Acesso em: 07 ago. 2024.

ZUSMAN, P. La tradición del trabajo de campo em Geografía. **Geograficando**, 2011, ano 7, n.7, p.15-32. [https://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/art\\_revistas/pr.5089/pr.5089.pdf](https://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/art_revistas/pr.5089/pr.5089.pdf) . Acesso em 07 ago. 2024.